
Resumo:

O presente texto resulta da tese de doutorado (em Educação) da autora e parte da constatação da ausência de registros/referências à ginástica (sueca) em textos e periódicos da cidade do Rio de Janeiro, no período entre o fim do século XIX e início do XX. A ginástica teria sido recusada pela vocação a cultura da liberdade, a festa e o prazer dos muitos “povos” que compunham as classes populares da sociedade fluminense, tendo ficado restrita à instituição escolar, frequentada pela elite.

Abstract:

Este estudo narrou parte de uma possível história da Educação Física brasileira, que se passou entre fins do século XIX e início do século XX, no Rio de Janeiro. Digo possível baseando-me na concepção de história benjaminiana³ para quem a narração sobre o passado é sempre uma versão e nunca uma verdade. Falo de um tempo e um espaço em processo de mudança. Para apreendê-las em sua amplitude e profundidade dialoguei com várias formas de produção cultural: a literatura, as artes plásticas, a produção acadêmica. Procurei, estar atenta aos detalhes, às ausências, ao dito para além dos espaços de poder. Buscando inspiração não só no que foi dito e feito mas também no que foi desejado e oprimido. Fui movida, primordialmente, pela questão: por que a ginástica não esteve no cotidiano do homem fluminense na Belle Époque?

Bakhtin⁴, ao estudar a língua, dirá que a língua está sempre próxima dos grupos que a constituem. Entendendo a ginástica como uma das formas de linguagem corporal, poderia ela, por ser um “método estrangeiro”⁵, portanto estranho ao povo fluminense, nunca ter se colado a este? Essa questão me remetia à outra, estimulada por Benjamin, a pensar a ginástica como “monumento da cultura”, portanto como “um monumento da barbárie”⁶. Começava a pensar a dimensão negativa da transmissão da cultura... transmissão do modelo europeu de exercitar o corpo!

Por que nas revistas culturais que tematizavam o esporte, o teatro e outras práticas, as notícias referentes à ginástica eram ausentes⁷? O que explica o fosso entre sua presença nos compêndios da Educação Física e nas teses defendidas do período⁸, e as outras fontes?

Essa ausência vinha acompanhada de outras presenças. O turfe e as regatas, os quais vão aparecer tão fortemente no cotidiano da vida fluminense⁹. Teriam eles mais a ver com a alma fluminense?

Se a ginástica sueca¹⁰, que vai ganhar a defesa de políticos como Rui Barbosa, não contaminou o cotidiano da vida fluminense, por que isso aconteceu? Terá sido a ginástica pensada como o trabalho, antídoto da vagabundagem? Uma ginástica, cujo resultado está no porvir, que usurpa o direito de ser jogo, brincadeira, até luta - poderia contaminar um povo cujas características eram tão diferentes?

Existia também a capoeira. O que ela era naquele momento? O que falavam os gestos do capoeira? Teria sido rechaçada por trazer toda uma inversão de mundo, impossível de servir como prática que esquadrinhasse o

¹ Tese de doutorado, orientada pela Profa. Carmen Lucia Soares defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP, em 23 de março de 2001.

² Professora da Universidade Federal de Viçosa-MG, Departamento de Educação Física.

³ Do autor, ver: Walter BENJAMIN, 1984, 1993 e 1995.

⁴ Do autor, ver: Mikhail BAKHTIN, 1997 e 1993.

⁵ Na tese abordo, primordialmente, o método sueco de ginástica, por ter sido este o método defendido por Rui Barbosa como também aquele adotado, na época, por escolas como o Colégio Pedro II.

⁶ “*Todo monumento da cultura é também um monumento da barbárie*”. In: Walter BENJAMIN, 1993, p.225.

⁷ Esta constatação esteve baseada na busca das fontes do período, principalmente aquelas constantes no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Arquivo Histórico do Rio de Janeiro e nos Arquivos da Casa de Rui Barbosa.

⁸ Ver principalmente as teses defendidas naquele período que abordam a Educação Física e a ginástica, a quais encontram-se também na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁹ Ver a tese de doutorado de Victor Andrade de MELLO, 1999 e também de Ricardo LUCENA, 1999.

¹⁰ No terceiro capítulo da tese trato do Método sueco de ginástica, apresentando os princípios e as características da ginástica sueca.

corpo? E me lembrava de Bakhtin no estudo das festas medievais, abordando a dialética riso-lágrima, sagrado-profano, sério-grotesco... Não carregaria a capoeira esta ambivalência que se contrapõe a cultura oficial?

Existiam ainda os bilontras¹¹. Era o Rio de Janeiro “bilontra” que não incorporava a ginástica? Por que, tempos depois, a ginástica francesa, vai acontecer nas escolas, justamente onde esse corpo não estava presente?¹²

Na escrita da história da Educação Física brasileira tornou-se lugar comum considerar a ginástica como prática corporal hegemônica do século XIX. Imagina-se uma ginástica, inspirada nos Movimentos Europeus e imposta à população pelo poder, a exemplo do que aconteceu na Europa. Essa imagem afirmada e solidificada em nossa lembrança, oculta mais do que revela. Trata-se “da ginástica”, “da sociedade”, “do Brasil”, como existência única. Esconde-se no geral o particular.

O trabalho de tirar das ruínas da história universal o perigo do esquecimento¹³, significa encontrar na “história universal da ginástica”, histórias particulares, acontecidas no silêncio, perdidas sob aquelas ruínas. Para isso aproximei-me da versão de Soares¹⁴. Ela nos mostra como, a ginástica vai se constituindo como prática corporal oficial, uma vez que não nasce limpa. Suas origens são sujas. Se constrói a partir das relações cotidianas, dos divertimentos, e para obter aceitação vai afastando-se desse campo. O estudo indica que inúmeras são as tentativas, na Europa, de disseminá-la como prática para o conjunto da população – sobretudo aquela considerada perigosa para o nascido espírito capitalista. Perigoso era o corpo que exercitava-se livremente, que servia ao entretenimento, que não respeitava regras de economia de energia.

Ao defender a aplicação dos métodos ginásticos no Brasil, o discurso do poder vislumbrava fins parecidos com que os estipulados pelo poder naquele continente. Fato, entretanto, é que o Brasil não era a Europa, o povo fluminense não era o europeu. Para compreender essa hipótese temos que olhar para o Rio de Janeiro e entender desse povo, a “alma”¹⁵.

A partir da segunda metade do século XIX o Rio de Janeiro era a imagem da mudança. Culturalmente a cidade ia construindo-se, complexificava-se. Proliferavam, os bairros pobres, habitados pelos mudos da história. Todas estas mudanças afetaram a estrutura ocupacional da cidade. Ocupações mal definidas, de baixa remuneração, desocupados. Havia também a classe considerada potencialmente perigosa: malandros, ladrões, prostitutas, bicheiros, jogadores, pivetes, capoeiras...

O século XIX começa a adormecer, é a Belle Époque Tropical. Não é exagero dizer que sonha-se construir a Europa no Rio de Janeiro. Na imagem do cartão postal só cabia a imagem do Brasil civilizado, europeizado. Fora do enquadramento: mendigos, cães, vacas leiteiras, hortas, suínos, cuspe e urina, venda ambulante, prostituição.

Assim como importavam-se idéias, teorias e modos de comportar-se, também as práticas corporais europeias serviram de modelo à elite dirigente da época. Para que a Europa estivesse construída aqui, necessário uma mentalidade européia de exercitar o corpo. Vamos encontrar farto material em discursos políticos e científicos, sobre a necessidade de adotar-se para o povo brasileiro, ora o Método Francês, ora o Método Sueco de Ginástica, às vezes nos dando a sensação de que esta prática corporal era predominantemente difundida entre a população. Apenas a sensação.

De certa forma, o Rio de Janeiro, arquitetonicamente, assemelhava-se a Paris. Mas o povo fluminense não era o parisiense. Não existia o cidadão europeu, ativo, consciente de seus deveres e direitos. Não existia povo, no singular. Existiam povos demais. Um povo que carnaliza a vida, que é cínico ou indiferente ao poder, onde ordem e desordem se confundem... Esse povo não era redutível às explicações lógicas. Havia algo que escapava: a maneira de comportar-se politicamente, de morar, de festejar, de vestir-se, de cultivar seu corpo. Por isso, Rio Bilontra. Povo tribofeiro, espertalhão, gozador, irônico. Que acumula forças aparentemente contraditórias. Que não estava presente na manifestação política, mas protagonizava manifestações culturais.

Havia no Rio de Janeiro vasta manifestação popular: Festa da Penha, entrudo... Gestava-se o samba carioca. Existiam ainda os cortiços. Verdadeiras repúblicas: tinham suas leis, seus valores, vidas próprias. Lugar onde reuniam-se ex-escravos, capoeiras, imigrantes de vários lugares, lavadeiras, sambistas, trabalhadores das mais diversas “pequenas profissões”. Lugar de gente com um sonho em comum: fazer da cidade seu espaço – lugar de liberdade, de diversão, de sobrevivência.

¹¹ Bilontra é o termo usado pelo historiador José Murilo de CARVALHO, 1987, ao falar do povo fluminense, contrapondo a idéia de povo bestializado.

¹² Sobre o método francês e sua inserção nas escolas brasileiras ver dissertação de Silvana GOELLNER, 1992.

¹³ Walter BENJAMIN, 1993.

¹⁴ Carmen Lucia SOARES, 1998.

¹⁵ Desenvolvo a idéia de “alma” de um povo em *Terpsícore ou... da carne e da alma fluminense*. In: SOARES (org.), 2001.

Aparentemente a elite permaneceu no poder, poder que era apenas aparente. O povo criou formas de resistir a este. Não opondo-se frontalmente a este, mas subliminarmente. Pela indolência, pela persistência da alegria, pela permanência de seus ritmos. De certa forma, posso dizer que essa lógica também predominou no que se refere as atividades corporais.

A elite fluminense sentia que aqui, a aplicação dos métodos ginásticos teria que ser diferente. Não havendo ambiente favorável nos meios populares para que essa prática corporal fosse aceita pelo homem comum, a elite buscou uma instituição que pudesse hospedá-la: a escola. Quem estava na escola naquele período? Os filhos da própria elite, a qual, poderia servir de modelo ao povo.

Havia uma contradição óbvia, visual até, entre as práticas corporais do povo fluminense e a ginástica. Molejo, movimentos do baixo-corporal, ginga, sensualidade, círculos. Animados por uma música sempre motivante, não podiam dialogar com as imagens que podemos ver das sessões de ginástica: alto-corporal sempre valorizado, retidão de movimentos, espaços metrificadas... Uma ginástica, que diga-se, era conhecida na Suécia como a *ginástica da tristeza*¹⁶.

Como as classes populares resistem a essas investidas? Acredito que essa resistência se dá fundamentalmente no cotidiano, com armas que conheciam muito: a defesa e preservação uterina à sua identidade cultural, às suas raízes, ao seu jeito de ser, à sua alma... Por isso busquei a festa, tão comum nas camadas populares fluminenses. Festa que exerce o papel de coesão, de perpetuação de valores, de resistência. Festa que carrega elementos aparentemente contraditórios de ordem e desordem.

Por isso, dizia, que interessou-me o afastamento da ginástica do campo do entretenimento. Esse afastamento terá sido, talvez, o principal motivo, do Rio de Janeiro ter sido o *não-lugar*¹⁷ da ginástica. Significa dizer, metaforicamente, que a ginástica, como prática corporal, não encontrou, no corpo do homem fluminense, permissão para alojar-se. Permissão não dada porque, nada havia nessa prática, que pudesse impactar esse corpo, algo que pudesse gerar um mínimo de identidade. Algo que tocasse em sua subjetividade, entendida:

*“(...) como uma espécie de envergadura interior, capaz de acolher, dar abrigo e morada às experiências da vida: percepções, pensamentos, fantasias, sentimentos, Ou se quisermos usar um só termo: afetos, diferentes expressões de como somos afetados pelo mundo.”*¹⁸

Pensando assim, o homem fluminense não quis dar abrigo a essa experiência, não deixou que seu corpo fosse morada dessa prática, não se deixou afetar por ela. Assim, sem espaço,

*“as experiências humanas não podem encontrar território, lugar de expressão, registro, tendo que ser projetadas alhures, negadas, ou permanecendo como espectros, incapazes de assumir forma definida.”*¹⁹

Ao mergulhar no cotidiano dos populares, chamou-me logo atenção, a vocação para o prazer que tinha o homem fluminense. E aqui, lembrava-me da cultura cômica popular, anunciada por Bakhtin. Constatava que o caráter alegre e festivo dessa cultura era também uma constante no devir do homem do povo no Rio de Janeiro, que, como nos lembra o autor, tem seu princípio na festa, no banquete, na alegria – cuja marca é o “rebaixamento” e a “inversão” do corpo, das idéias, das coisas...

Constatava, por outro lado, que a ginástica, como prática corporal, não ia nessa direção – era uma prática sisuda, séria e racional que, pretendendo mexer com os corpos dos homens, não “mexia” com a sua alma, não podia fazer-se atividade eleita. Havia principalmente um modo de festejar que era diferente, cujo maior motor era a vontade de divertir-se. Essa cultura de vocação para o prazer, permeada de valores outros, diferente da cultura dominante, é também dona de um sentido singular de comunidade. Com a abolição da escravatura, os escravos que vinham para a capital, tiveram muita dificuldade de adaptar-se. Essa imigração acabou dando origem ao que é conhecido como Pequena África para onde acabavam instalando-se recriando aquilo que já tinham em outros lugares, apoiados por outros moradores mais antigos. Um sentido forte de comunidade ia desenvolvendo-se nesses espaços. Sentimento de união, fundamental para que conseguissem manter sua cultura

¹⁶ Expressão utilizada por Agne HOLMSTRÖN (s/d), em cuja obra a autora mostra como a ginástica voluntária, considerada uma ginástica triste, converteu-se em movimento popular, indicando um movimento da tristeza à alegria.

¹⁷ Ver sobre o tema “lugar” em Otilia ARANTES (s/d), onde a autora trata da distinção entre espaço e lugar. Lugar é o espaço dotado de sentido, carregado de cultura. Refiro-me a não-lugar, na medida em que entendo que o corpo já nasce cultural.

¹⁸ Alfredo NAFFAH Neto, “A subjetividade enquanto éthos”. In: *Cadernos de Subjetividade*, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-São Paulo, v. 3, n. 2, set.-fev., 1995, pp. 197-199.

¹⁹ NAFFAH Neto, op. cit.

viva. Mais do que isso, conseguiram divulgar seu imenso sentido de vida como confraternização para o conjunto da sociedade fluminense.

Apegados ferrenhamente à sua cultura, às suas manifestações, à sua vocação para o prazer, acabaram sendo hostis às práticas que desmontassem esses sentimentos. Sentimentos que não estão “concretamente” nos documentos, mas estão presentes subliminarmente em suas práticas corporais, suas formas de convívio, suas formas de viver.

O que meus estudos apontaram, é que a vocação para o prazer e a capacidade para diversão, princípios quase indestrutíveis desse povo, lutaram pela sobrevivência. A recusa à ginástica, nesse sentido é emblemática. Recusa do sentimento, recusa do corpo, recusa da alma: estratégias criativas colocadas em prática pelos comuns para preservar suas idiossincrasias.

Não é difícil pensar o porque da ginástica ter encontrado seu lugar, no Rio de Janeiro de outrora, na instituição escolar: espaço da não-circularidade, lugar da linearidade, lugar, local-convite às almas ginastas.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Otília. *O lugar da arquitetura depois dos modernos*. São Paulo: EDUSP, s/d.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV, V.M.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997, 8ª ed.
- _____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/ Brasília: Universidade de Brasília, 1993, 3ª ed.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.
- _____. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993, 6ª ed.
- _____. *Obras escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995, 5ª ed.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- GOELLNER, Silvana Villodre. *O método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola*. Dissertação de mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 1992.
- HOLMSTRÖN, A. *La moderna gymnasia sueca desde Ling hasta la Lingsida*. Estocolmo: Editorial Sohlman, s/d.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação Física, Campinas, UNICAMP, 1999.
- MELLO, Victor Andrade de. *Cidade “esportiva” – o turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849-1903)*. Tese de Doutorado, Universidade Gama Filho, Programa de Pós-graduação em Educação Física, Rio de Janeiro, 1999.
- NAFFAH NETO, Alfredo. A subjetividade enquanto *éthos*. In: *Cadernos de Subjetividade*, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, set.-fev., 1995, vol.3, n.2, pp. 197-199.
- SOARES, Carmen Lucia. *Imagens da Educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- _____. (org.) *Corpo e História*. Campinas: Ed. Autores Associados, 2001.